

Data: 07.02.2020

Titulo: Mais alunos no Técnico? "Estamos no limite da capacidade"

Pub:



QuickCom  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 16;17

# Mais alunos no Técnico? “Estamos no limite da capacidade”



**Rogério Colaço** O presidente do Instituto Superior Técnico acha positivo haver mais vagas nos cursos com médias mais altas, mas diz que não vai pôr em causa a qualidade do ensino

Área: 1189cm² / 63%

FOTO Titragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6740063

## Entrevista Samuel Silva

A ligação de Rogério Colaço com o Instituto Superior Técnico (IST) começou na adolescência. Entrou na faculdade para fazer o curso de engenharia metalúrgica e de materiais e nunca mais quebrou uma ligação, que se reforçaria com o mestrado e o doutoramento. Há 25 anos que dá aulas na instituição onde, antes de ter sido eleito presidente, a 17 de Dezembro do ano passado, já tinha sido membro do conselho de gestão e vice-presidente para a gestão financeira. O “apelo” de um cargo de gestão “é nulo”, diz, mas fá-lo “por serviço, ao país e à instituição”. Mas “se nada for feito e o esforço de quem assume cargos de elevada responsabilidade for reconhecido, podemos chegar a uma situação em que não haja disponibilidade para isso”, avisa.

**Estão no IST quatro dos dez cursos superiores com média de acesso mais elevadas. O que explica esta concentração de cursos com entrada tão exigente numa mesma instituição?**

O Técnico vai fazer 110 anos no próximo ano e conseguiu construir uma imagem que assenta em dois pilares: qualidade e confiança.

**É uma confiança histórica?**

Trabalhamos para manter essa confiança, garantindo que os nossos resultados são fiáveis, que os nossos alunos saem com capacidade de resposta aos desafios que lhes são colocados na sua vida activa. Criámos o programa Técnico Mais, em que convidamos os nossos antigos alunos e a sociedade em geral a regressar ao IST para se valorizarem em diversas áreas. A matriz de tudo isto é uma formação de qualidade, experimental, prática, ao nível de qualquer escola congénere internacional.

**A medida tomada no ano passado de aumentar as vagas nos cursos procurados pelos melhores alunos foi positiva para o IST?**

Foi positiva para o país e para as famílias, no sentido em que pudemos alargar um bocadinho a nossa oferta e a capacidade de recepção de novos alunos. Para o IST foi positiva, porque temos mais alunos e bons alunos, mas nós não apostamos na quantidade, antes na qualidade. Essa abertura será positiva enquanto tivermos condições, nomeadamente financeiras, de mantermos a qualidade da nossa formação.

**Qual o limite máximo de alunos que o Técnico pode assegurar nestes cursos?**

Neste momento temos cerca de 11.500 alunos e estamos a chegar ao limite da nossa capacidade de manter a qualidade de formação, tendo em conta o financiamento que temos. Um aluno de engenharia custa, no IST, à volta de 7500 euros por ano. O Estado contribui com 5000 euros. O aluno ou a sua família contribuem com cerca de 1000 euros, que são as propinas. A verba restante é o Técnico que investe nos seus alunos, através das receitas próprias que consegue gerar.

**Receitas de projectos e prestações de serviços?**

Sim, projectos de investigação e prestações de serviços, mas também os nossos parceiros, que em algumas situações são mecenas. Cada aluno custa ao Técnico cerca de 1500 euros anuais. Neste momento, estamos no limite daquilo que conseguimos assegurar com as receitas próprias. Se tivéssemos autorização para aumentar mais 500 alunos – e temos procura e há muitos alunos que ficam de fora –, perdíamos toda a capacidade de investimento ou então diminuíamos a qualidade do ensino.

**Se o Governo mantiver a medida, como é que a acomoda?**

Aqui a palavra-chave é co-responsabilização. O IST tem a responsabilidade – e vai mantê-la – de assegurar a qualidade de formação dos seus alunos. Se o Governo impõe medidas que podem ter impacto nessa qualidade, terá de ser co-responsável por garantir os instrumentos, nomeadamente

financeiros, que permitam encaixar essas medidas.

**Os alunos do IST são alunos de elite na performance. O ensino também tem de ser de elite?**

O IST iniciou, há cerca de um ano, uma reestruturação profunda do seu modelo de ensino. No dia 1 de Setembro de 2021, teremos toda a nossa oferta reestruturada. Há 30 anos, um engenheiro mecânico saía do Técnico e a expectativa que tinha era ser engenheiro mecânico a vida toda. Presentemente, qualquer engenheiro pode estar dois anos a fazer a engenharia que fez e depois pode mudar. Estamos a adaptar o nosso modelo de ensino para preparar os nossos alunos para a mudança e para a flexibilidade ao longo da sua vida profissional.

**Em termos de origens geográficas e sociais, de onde vêm os alunos do IST?**

Há uma maior concentração de alunos da Grande Lisboa, mas temos alunos do Técnico de todos os pontos do país e, diria eu, de todos os pontos do mundo. Temos alunos de mais de 50 nacionalidades e cerca de 1000 alunos internacionais. Sobre a proveniência social: vêm de todos os estratos sociais. A entrada no IST é simplesmente feita pela qualidade do aluno.

Evidentemente, é mais difícil que uma pessoa com qualidade venha de um estrato social muito baixo, mas esse é um problema mais amplo da sociedade.

**Qual é a percentagem de bolseiros?**

Nos Serviços de Acção Social temos cerca de 1000 bolseiros. São cerca de 10% dos alunos.

**O IST não tem deixado de apresentar projectos novos. Um deles é a construção do Innovation Center no Arco do Cego. Em que pé está esse processo?**

O Innovation Center resulta de um contrato de cedência da antiga gare do Arco do Cego, que está ao lado do nosso *campus* central, que foi negociado entre a Câmara Municipal de Lisboa e o IST há uns anos. O que se pretende é abrir o Técnico à sociedade. Este é um sítio de passagem. Queremos que



o Técnico Innovation Center seja uma porta que permita aos nossos alunos e aos nossos investigadores mostrarem aquilo que são capazes de fazer. O que hoje está fechado aqui dentro destes muros passa a ser aberto e mostrado à cidade.



## Se tivéssemos autorização para mais 500 alunos perdíamos toda a capacidade de investimento ou diminuíamos a

## qualidade do ensino

### Qual é o montante deste investimento?

São cerca de 12 milhões de euros. É um investimento que para o IST é totalmente impossível de fazer. Mas nós vamos fazer. Temos condições de iniciar o concurso para a obra, recorrendo ao financiamento que temos neste momento já negociado, com um conjunto de parceiros, que a seu tempo serão anunciados.

### Mas são parceiros empresariais?

São parceiros empresariais e alguns particulares também. É um contrato de confiança com o Técnico investir aqui 2 ou 3 milhões de euros. Temos também um apoio importante de cerca de 4

milhões de euros que vem da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional [CCDR] de Lisboa. Neste momento, estamos na fase de contratualizar essas parcerias e de lançar o concurso para a obra, que eu espero que seja feito até Junho/Julho. A obra ainda tem alguma complexidade, mas gostaria muito que estivesse concluída no dia 31 de Dezembro de 2021.

### Há outras parcerias deste tipo?

Este é o projecto pioneiro. Se isto correr bem, temos um programa que temos delineado a dez anos, nos três campi do IST (Alameda, Tagus Parque e antigo Centro Tecnológico e Nuclear), que contempla recuperação de edifícios e construção de laboratórios.

samuel.silva@publico.pt

## “As empresas que vêm aqui buscar mil engenheiros por ano também têm obrigações”

### Como se inteiraram as escolas e faculdades da Universidade de Lisboa da negociação do “contrato de legislatura” entre a reitoria e o Governo?

A discussão foi feita de forma totalmente aberta, articulando as escolas, as faculdades, a reitoria e o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP). Sobre o acordo em si, devo dizer que é uma coisa boa e importante, porque permite às instituições fazer um planeamento, pelo menos a quatro anos, daquilo que é a sua disponibilidade financeira. Isso permite tomar decisões relativamente a coisas muito importantes, nomeadamente a renovação do corpo docente. Além disso, retira do radar a questão das cativações. O ministro e o CRUP estão de parabéns. Isto permite às instituições ter um caminho delineado a quatro anos. Não resolve os problemas todos.

A dotação de Orçamento do Estado (OE) para o IST são 50 milhões de euros. A nossa massa salarial são 70 milhões de euros. A

dotação de OE cobre 70% da nossa massa salarial. Ainda nos falta 30% para pagar salários e ainda pagar tudo o resto. As únicas instituições públicas onde 30% do salário dos funcionários públicos não é coberto pelo OE são as universidades.

### Isso resolve-se com mais dinheiro ou há outras formas de responder a esta questão?

Mais dinheiro dá jeito. Pode permitir, pelo menos, cobrir os [custos com] salários. No nosso caso, isto é resolvido recorrendo a receitas próprias que vêm das propinas dos alunos e de todos os nossos parceiros. Onde é que estamos a cortar? Estamos a cortar no investimento.

### De que forma?

Temos pavilhões que precisam de manutenção e temos salas e laboratórios que precisam de ser construídos para sermos



## Temos pavilhões que precisam de

## manutenção e temos salas e laboratórios que precisam de ser construídos. No dia em que as paredes do Técnico desmoronarem esse será um problema do país

competitivos com os nossos parceiros internacionais. Não o estamos a fazer. Estamos a trabalhar no sentido de tentar fontes de financiamento alternativo que nos permitam ter investimento. A pergunta que temos de fazer é: estamos dispostos, enquanto sociedade, a suportar a falta de investimento nas universidades?

O mesmo “contrato de legislatura”, que já elogiou, prevê também que não haja reforços extraordinários de financiamento durante os



**próximos quatro anos. As instituições aguentam quatro anos à espera de fazer esses investimentos?**

Enquanto país, não vamos ter capacidade de reforçar as dotações de Orçamento do Estado das instituições de ensino superior por forma a compensar esta falta de investimento. Isso não vai acontecer nos próximos quatro anos, porque temos este acordo assinado, nem vai acontecer nos quatro seguintes, porque temos uma dívida de 126% do PIB. Enquanto presidente do IST, tenho três opções. Uma é dizer: "Não pode ser, fora com o ministro." A segunda opção é ficar sentado neste gabinete à espera que os edifícios caiam. A terceira opção, que é a aquela que irei seguir, é sensibilizar a sociedade, as empresas, os

nossos parceiros, para este problema, que os afecta a todos. No dia em que as paredes do Técnico desmoronarem, esse problema não é do Técnico, é do país. As empresas que vêm aqui buscar 1000 engenheiros por ano têm de perceber que, enquanto parceiros sociais do IST, também têm algumas obrigações no sentido de suprir falhas do nosso OE. Nós temos tentado explicar isso aos nossos parceiros, com algum sucesso.

**Quantos docentes do IST estão na carreira?**

O quadro do técnico é bastante estável. Temos à volta de 650 docentes de carreira e menos de 10% são professores convidados, que não estão a suprir necessidades de docência, mas realmente a cobrir algumas necessidades de formação

específicas. Depois temos 50 ou 60 investigadores de carreira. Nos últimos dois anos, contratámos 250 investigadores ao abrigo do Emprego Científico. **Quantos concursos de promoção de professores foram abertos no IST no último ano?** O IST iniciou, há cinco anos, um programa de contratação, que tem vindo a cumprir escrupulosamente, que contempla a abertura de cerca de 40 concursos por ano para docentes e investigadores. Desses 40 concursos, cerca de metade são concursos de promoção e os outros são novas contratações. Nos próximos quatro anos, o Técnico irá contratar 100 a 120 novos docentes e investigadores de carreira. É um esforço grande que temos de fazer porque temos de renovar os nossos quadros.